



Educação e Autoconhecimento

Miguel Almir L. de Araújo *

*"A preciosa ação educativa tem o propósito primordial de buscar sentidos profundos de nosso ser mais transversal levando ao autoconhecimento convergência do corpomental".
(M.A.)*

1. O Autoconhecimento

"Eu me busco a mim mesmo".
Heráclito

A idéia de autoconhecimento está presente no âmago de diversas tradições culturais da humanidade, trazendo marcas indeléveis de tempos bastante remotos. Em nosso mundo ocidental a cultura grega, que se constitui a partir dos legados de povos e culturas que a antecederam, plasmando e sedimentando daí uma tradição singular e alvissareira, tem como referência bastante significativa a epígrafe que se encontrava no templo de Apolo, em Delfos, sobejamente realçada por Sócrates: Conhece-te a ti mesmo.

Essa máxima representa o núcleo primal da filosofia socrática que propugnava a compreensão do conhecimento como modo de condução dos indivíduos ao interior de si mesmos. Para Sócrates, cada indivíduo atinge o caminho da virtude, da prática do bem e da justiça na medida em que penetra no cerne de sua interioridade, descobrindo-se a si mesmo. Sabendo quem é, cada um vai sabendo melhor o que pode e o que deve fazer.

O verdadeiro conhecimento vem de dentro onde ecoa a voz da consciência que conduz o ser humano para a busca da sabedoria. Mediante o processo cuidadoso de auto-observação, de auto-descoberta cada um vai podendo exercer auto-domínio sobre si mesmo através de posturas e atitudes mais equilibradas que levam à auto-cura (corpo e alma) através do cultivo dos valores do bem e do belo, nas relações de cada um consigo mesmo e com os outros.

Os rumos tomados por nossa tradição cultural, notadamente nos tempos modernos, foram privilegiando cada vez mais a busca do conhecimento científico de cunho mais exteriorizante, do entendimento das coisas externas da vida, do mundo, de modo suposta e exclusivamente objetivo, embargando e obscurecendo o caminho da subjetividade mais interna, do autoconhecimento.

Passamos a ser competentes e especialistas no conhecimento dos fenômenos externos da vida e fomos cada vez ficando mais estranhos aos confins de nossa interioridade, de nossa subjetividade mais funda. Quanto mais fomos nos dedicando unicamente ao mundo de fora, mais fomos nos distanciando do mundo de dentro, tornando-nos assim desconhecidos em nossa própria casa, na morada de nosso corpo e de nossa alma; fomos ficando periféricos em relação ao âmago de nosos ser.

Os paradigmas instituídos como modelos predominantes de verdade foram erigidos sob o pólo da razão analítica e linear que vai tomando contornos cada vez mais abstratos nos distanciando da carnalidade do vivido, de nossa vivência existencial, de nosso ser mais

intuitivo, emocional, sensitivo, espiritual. Essas expressões, como não podem ser entendidas apenas pelos emblemas do pensamento racional, cognitivo, passam então a ser tratadas como pólos inferiores, ilusórios e sombrios devendo então ser dissolvidos pelo poder esclarecedor da razão iluminista.

Estranhos, desconhecidos de nossas dimensões mais enraizadas, de nossa subjetividade mais visceral, ocultando aquilo que em nós é mais originário e intenso fomos nos tornando seres dessensibilizados, desencantados, descentrados de nosso eixo vital, primordial. A extremação da externalidade foi nos revestindo de máscaras, de ornamentos e mecanismos recalçadores e defensivos que foram desembocando em posturas e atitudes marcadamente destrutivas para a vida humana e para todo o planeta terra. Passamos a ser prisioneiros de nossas máscaras e artifícios externos.

Descuidando das fontes mais preciosas e originárias de nossa interioridade fomos nos ressecando e nos desertificando. A perda do cultivo de nossa sensibilidade, de nossa intuitividade, de nossa espiritualidade, de nossa sensibilidade foi nos desqualificando e nos brutalizando. Fomos sendo convertidos em máquinas gélidas, em seres artificiais desencantados, atolados em guerras insanas e fratricidas, desprovidas de Ética e de amorosidade.

O recrudescimento dos processos destrutivos provocados por esses modelos culturais mecanicistas estão cada vez impondo condições mais insuportáveis na esfera das relações humanas, e por conseguinte, todo o planeta terra vem sendo ameaçado. No bojo dessa crise agônica, começamos gradativamente a acordar e redescobrir a possibilidade nuclear e premente do caminho do autoconhecimento. Não para nos submergir, isolada e autofagicamente em nossa interioridade, descambando para o outro extremo, mas para, mediante as tantas lições que a história nos ensina, reaprendermos a escuta da internidade de nossa consciência, de nossa sensibilidade e intuição nos meandros das vivências cotidianas onde o interno e o externo vão dialogicamente se intercambiando.

Os sinais dos novos tempos vão nos indicando, nas mais diversas e heterodoxas frentes de investigação da cultura humana, o desafio que urge para essa busca vital do autoconhecimento. Ficamos por demais fascinados pela luminosidade do saber, da ciência, da técnica e ofuscamos os espaços mais íntimos e profundos de nossa subjetividade. Esquecemos de que só o saber não basta; ele é necessário, mas a sabedoria é imprescindível no cultivo da relação amorosa com a vida.

Os instrumentos do saber cuidam mais do fora, da exterioridade, do instrumental, ou seja, nos garante a esfera do ter bens e coisas. A sabedoria integra tudo isso, expande e transcende, passando a nos conduzir ao cuidado com a busca dos valores humanos fundamentais, com o respeito a vida, às vidas, ao planeta terra; com a dialogia fruenta entre razão e intuição, corpo e mente, masculino e feminino. A sabedoria nos proporciona o que os gregos chamavam de kalokagathia, o encontro sinérgico entre o bem e o belo, ou da phronesis, a relação interativa entre teoria e prática; nos leva ao cuidado sutil e primoroso com o Ser.

O autoconhecimento pressupõe a compreensão que significa uma percepção farolista, conjuntiva e alargada onde entendimento e sensação, razão e emoção se interligam e se complementam. Compreender é unir a reflexão e a intuição, o pensamento e o sentimento para um olhar mais transversal e originário da vida, das coisas. Nos autoconhecendo vamos alargando nossa consciência, o saber com, múltiplo e amplo do que compreendemos, e, desse modo, inspirados nos valores primordiais, e na coexistência do saber e da sabedoria podemos melhor saber fazer e saber ser.

A busca do autoconhecimento se traduz no mergulho pelos oceanos de nossa interioridade, pelos cafundós da subjetividade mais subterrânea de nossos labirintos e mistérios,

propiciando assim uma compreensão mais funda e sutil de nossa existência na complexidade de suas curvas e desvãos. Parece que o caminho mais difícil que temos a percorrer é aquele que nos leva para dentro de nós mesmos. Para encontrar as coisas mais preciosas precisamos garimpá-las com audácia e espiritualidade.

O caminho largo e sinuoso do autoconhecimento nos conduz aos processos de religação de nosso dentro com nosso fora, de nossa subjetividade com nossa objetividade, e assim, podemos cuidar com mais atenção da vivência dos valores que nos engrandecem como seres humanos, profanos e sagrados. Na música Serra do luar Walter Franco poetiza: "Viver é afinar o instrumento, de dentro pra fora, de fora pra dentro. A toda hora, a todo momento..." traduzindo a busca da musicalidade que afina a inteireza de nosso ser.

Compreendendo melhor a nós mesmos, nos autoconhecendo, podemos tomar consciência, perceber e discernir com mais amplitude os nossos limites, as nossas ignorâncias, bem como as nossas potencialidades e possibilidades, e assim podemos investir em nossos processos de aprimoramento, burilando nosso senso aberto de auto-crítica, regando nossa sensibilidade e espírito criadores como seres inacabados, em permanente processo de mutação, criação e recriação de nossas existências. Desse modo, podemos também ser melhores para nós mesmos, para e com os outros, jamais sobre ou do que os outros.

O crescimento interior, que se desenvolve mediante nossa relação vivencial e meditativa com o mundo exterior vai nos qualificando nas ações cotidianas onde compreendemos as relações de interdependência existentes entre todos os seres do universo, estimulando assim os sentimentos e valores da fraternidade, da solidariedade, da cordialidade, da compaixão, da humildade, da justiça... Vamos burilando o espírito de finesse que nos entrelaça ternamente conosco mesmo e com todas as criaturas.

O autoconhecimento nos conduz à amorosidade onde descobrimos o fulgor e o enigma encantante de nossa relação sinérgica com os outros seres ? humanos e não humanos? o que nos faz celebrar o mistério incomensurável da vida na dança de sua teia cósmica. Só podemos amar os outros, se, por primeiro amamos a nós mesmos como já afirmava Jesus Cristo. E só amamos o que conhecemos. Nos auto-amando irradiamos a energia graciosa e bela desse amor.

Essa busca vai nos desnudando e nos trespassando por dentro e por fora nos trazendo auto-questionamentos profundos que podem nos levar às libertações dos vícios e servidões que aprisionam e enfeiam nossa alma e nosso corpo; nos faz parir de novo a cada dia.

A escuta sensível e espiritual de nossos silêncios e alaridos mais penetrantes vai nos lapidando para uma relação mais equilibrada entre o interior e o exterior, onde o externo é nutrido pela seiva seminal do interno que nos dá centralidade e firmeza, flexibilidade e abertura para os desafios.

Desse modo, o autoconhecimento conduz às trilhas curvas da sabedoria que se desdobra na temperança, na justa medida, na relação interdependente e complementar entre nosso dentro e nosso fora, de nosso corpo e de nossa alma, nos tornando, portanto, seres mais equilibrados, amorosos, combatentes, belos e felizes; mais auto-realizados. Citando mais uma vez a canção preciosa de Walter Franco: "tudo é uma questão de manter, a mente quieta, a espinha ereta e o coração tranquilo...".

2. Educação e autoconhecimento

"Compreender a vida é compreender a nós mesmos;
este é o princípio e o fim da educação".
J. Krishnamurti

Os processos educativos que predominam em nossas escolas são instituídos sob os paradigmas da razão instrumental, do conhecimento científico positivista e da mentalidade produtivista, arquitetados pela geometria da lógica linear, exclusivista, que dicotomiza e

compartimenta a complexidade do real, da vida. Essas práticas educativas privilegiam o saber técnico, instrumental, a instrução pragmática que primam pela formação dos papéis sociais, de indivíduos eficientes para funcionalizarem as máquinas na engrenagem da sociedade produtivista, reproduzindo assim sua ordem mecânica desumanizante. Nela, os sujeitos humanos são reconhecidos pelo grau de eficiência que possuem no desempenho de seus papéis e funções na estrutura pragmática e utilitária que a constitui.

O domínio do hemisfério esquerdo do cérebro que representa o cognitivo, o masculino, a exterioridade, vai comprimindo, ocultando e dissimulando o hemisfério direito que se traduz na sensibilidade, na intuição, nos sentimentos, no feminino ? ambas as dimensões compõem a inteireza de nosso ser. Essas práticas educativas instituíram, portanto, a cisão dos pares corpo-mente, razão-paixão, sentir-pensar, interioridade-exterioridade, superestimando um pólo: a cognitividade/razão, em detrimento do outro: a sensibilidade/intuitividade estabelecendo a supremacia reducionista do elemento lógico-formal, do analítico, do mensurável, fragmentando e desmobilizando a totalidade de nossa vida em sua complexidade e fluxo dinâmico.

Essa postura incide no reducionismo que confina o sujeito humano num ser gélido, metálico, dessensibilizado, revestido de máscaras que escondem e asfixiam os territórios mais sutis, originários e profundos da subjetividade, da interioridade, desembocando na desertificação e na desqualificação da vida.

Educa-se, melhor, instrui-se para o exercício dos papéis externos e deseduca-se para os sentimentos, os valores internos, os confins do coração e da espiritualidade da vida. As escolas vão se instaurando como fábricas de máscaras que vão revestindo os indivíduos com as extravagâncias de suas imagens externas, dissimuladoras dos conteúdos internos, do âmago de cada ser que fica assim reduzido apenas às suas cascas.

A formação meramente instrutiva, técnica, profissionalizante, prepara os indivíduos somente para atuarem como entes produtivos, funcionais, úteis, eficientes nos processos de produção, que assim levam à consumação de si próprios como seres humanos em processos de autoconstrução desumanizante.

Esse modelo educacional que legitima apenas a esfera da exterioridade da vida também se caracteriza pelas posturas patriarcais, onde os valores do masculino se impõem de modo austero propagando formas de relações competitivas e exploratórias entre os seres humanos com a extremação do lado esquerdo do cérebro. Dessa forma, predominam nos indivíduos atitudes e comportamentos rijos e arrogantes que negam e recalcam sua sensibilidade, suas emoções mais delicadas e belas. Seus espaços internos permanecem

desconhecidos, fechados e controlados pelas armaduras e vestimentas dos conceitos e preconceitos aprisionadores da espontaneidade, dos desejos, da ternura, da magia, da sensibilidade humana.

Esses processos educativos deformam a subjetividade mais funda dos indivíduos ao reprimir suas expressões mais viscerais instaurando traumas e ressentimentos que podem desencadear posturas nefastas e destrutivas.

Uma prática educativa que pretende contribuir na formação do ser humano em sua inteireza/globalidade, na busca de sentidos fundantes para a vida, em sua pluralidade polissêmica, prima pela relação de coexistência entre o masculino e o feminino, o pensar e o sentir, o corpo e o espírito, proporcionando assim o encontro dialógico e fecundo entre esses pólos, no processo de interação criadora mediante a expansão e o burilamento da sensibilidade perceptiva e da consciência dos valores humanos.

Enveredando nas trilhas do autoconhecimento a educação vai transpondo a rasura das práticas tradicionais logóticas/cognitivistas que se atêm à retilidade e à superfície do ser, da vida, e propõe a descoberta das dimensões mais profundas de nossas existências em suas expressões primordiais e originárias.

A escuta de nossa intuitividade, da pulsação dos sentimentos e desejos que movem nosso corpo e nossa alma, nos conduz ao conhecimento de nós mesmos no fluxo vigoroso das relações que rendamos conosco mesmos e com os outros.

A prática educativa lastreada na "pedagogia do autoconhecimento" nutre-se nas fontes das sabedorias construídas pelas diversas tradições culturais da humanidade, sedimentadas nas vivências e aprendizados de diversos povos, em suas aventuras cotidianas, vividas e tecidas nas manifestações de seus valores, sentimentos, crenças, cosmovisões.

Essa perspectiva educativa enfatiza os valores da humildade, da solidariedade, da afetividade, da espiritualidade, da coragem, da sensibilidade crítico-criadora, da abertura para as relações de trocas e aprendizados com os outros, com outras culturas, mediante o repertório da diversidade de saberes e sabedorias que enriquecem e irradiam a humanidade. Pressupõe a pluralidade, o valor das singularidades. Busca compreender os conflitos como momentos e vivências fecundas, que, como as dores de um parto nos possibilitam nascimentos e renascimentos, onde o elan do novo rebenta vicejante, trazendo novos sentidos e sabores que nos vivificam e alargam para os desafios das aventuras do mundo.

Nesse rumo, a educação conduz ao encontro de cada indivíduo consigo próprio e com os outros na dinâmica do movimento de nossa sensibilidade, onde os saberes, os repertórios dos métodos/conteúdos são temperados de sabor e emanados dos tesouros das sabedorias das diversas civilizações do planeta, desde as mais próximas às mais distantes. Assim vai sendo impulsionado o desenvolvimento de nossa sensibilidade crítica e imaginação criadora e estas vão plasmando também novas sabedorias.

A prática educativa que nos distancia de nós mesmos vai nos tornando estranhos na própria casa de nosso ser, nos conduzindo a desencontros e desequilíbrios desnorteadores/desqualificadores de nossos desejos, crenças, sentires e pensares. Nos aprisiona em nossos medos e temores, nos descentra e desmorona nas fragilidades de nossas inseguranças, nos turbilhões de nossas tensões/retensões compressivas.

Quando descuidamos de nós mesmos, vamos sendo revestidos de simulacros, máscaras e lacunas que nos cindem, afastam nossa mente de nosso corpo, nossos desejos de nossas atitudes, nosso dentro de nosso fora, interditando assim o fluxo dinâmico e fruento de nossas energias e propósitos.

As experiências educativas que dão primazia aos espaços do logos, da razão, do técnico-instrutivo, nos reduz a seres desvitalizados, desencantados, nos torna apenas algo, coisa, com o esvaziamento do alguém, do ser.

A trajetória difícil, por isso fascinante das trilhas do autoconhecimento nos ensina a escuta sensível de nossos conflitos e contradições, limites e possibilidades, nos adentrando em processos intensos e profundos de abertura para as descobertas e mutações, na alquimia da qualidade das metamorfoses humanas, na dança rítmica de nossa existência; vai nos abrindo para as aventuras dos desafios do mundo, em nossos processos contínuos de aprendizados, na alternância de dores e prazeres, imbuídos das habilidades do pensar e do sentir, das inteligências cognitiva e emocional, da fruição do bem e do belo.

Uma prática educativa irrigada pelos princípios do autoconhecimento se desdobra através de dinâmicas e procedimentos que mobilizam o lúdico, o corpo, a arte, o movimento, a percepção crítica e alargada do real que fertilizam a imaginação criante de cada indivíduo, constituindo uma cosmovisão holística da vida, do mundo. Outrossim articula-se uma compreensão/vivenciação da complexidade das relações dinâmicas e interdependentes existentes entre todos os seres e elementos que compõem o cosmos, sedimentando, portanto, posturas inspiradas em nossa consciência sensível, racional, intuitiva, poética.

Nessa perspectiva, a educação mobiliza a consciência transdisciplinar, a sensibilidade imaginativa, o espírito crítico e inventivo dos indivíduos impelindo-os às buscas que passam pelos riscos dos aprendizados significativos, das mudanças qualitativas, da criação e

recriação dos valores, da vida, imbuídos da ação da coragem com a cor amorosa do coração e da abertura do corpo e da alma para a eterna novidade do mundo.

A arte é uma das fontes primordiais no processo de busca do autoconhecimento na proporção em que emerge da nossa imersão nos recônditos do mistério/imponderável, da sensibilidade, da intuitividade, da imaginação, da espiritualidade, da paixão, da magia em nossas conexões viscerais com o cosmos.

A educação, nutrida nos repertórios do autoconhecimento se alicerça nos horizontes da transdisciplinaridade que incide no entrecruzamento e na complementaridade de todas as áreas de conhecimentos/saberes. Desse modo, o encontro das diversidades expande, enriquece e conduz às experiências que proporcionam vivências extraordinárias no movimento divergente/convergente do todo, na configuração interdependente de sua teia.

Dessa forma, as práticas educativas vão possibilitando encontros dialógicos, descobertas e vivências vicejadoras dos valores primordiais que enraízam nossas existências, no movimento permanente dos conflitos e desafios que nos embalam/irrigam na seiva dos saberes/sentires, das sabedorias que matizam de sentido e cintilam de beleza nossas viandanças. Assim, podemos nos conduzir pelas trilhas da poética da existência humana/transhumana no cultivo da amorosidade, das preciosidades que nos impulsionam à espiritualidade encarnada da vida, nos tornando seres mais graciosos.

*Miguel Almir L. de Araújo é professor da UNEB e da UEFS.

BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, Miguel Almir L. de. Dos vãos do saber aos desvãos da sabedoria. Em: Revista dois pontos. Teoria e prática em educação. Belo Horizonte: Vol. 3, Nº 23, Verão 1995.

ASSMANN, Hugo. Reencantar a educação. Rumo à sociedade aprendente. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

BOFF, Leonardo. Saber cuidar. Ética do humano - compaixão pela terra. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

BRANDÃO, Denis M. S. e CREMA, Roberto. Visão holística em psicologia e educação. São Paulo: Summus, 1991.

CAPRA, Fritjof. O tao da física. São Paulo: Cultrix, 1983.

CARDOSO, Clodoaldo M. A canção da inteireza. Uma visão holística da educação. São Paulo: Summus, 1995.

CARDOSO, Maria Luiza P. Educação para a nova era. Uma visão contemporânea para pais e professores. São Paulo: Summus, 1999.

CELANO, Sandra. Corpo e mente na educação. Uma saída de emergência. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

D' AMBRÓSIO, Ubiratan. Transdisciplinaridade. São Paulo: PalasAthena, 1997.

DISKIN, Lia e outros. Ética, valores humanos e transformação. São Paulo: Peirópolis, 1998.

ESPÍRITO SANTO, Ruy César do. Pedagogia da transgressão. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

JAEGER, Werner. Paidéia. A formação do homem grego. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

KRISHNAMURTI, J. A educação e o significado da vida. São Paulo: Cultrix, 1994.

- LOWEN, Alexander. A espiritualidade do corpo. São Paulo: Cultrix, 1990.
- MOORE, Charles A. (org.). Filosofia: Oriente e Ocidente. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1978.
- MORAES, Maria Cândida. O paradigma educacional emergente. Campinas, SP: Papirus, 1997.
- MORIN, Edgar. Amor Poesia Sabedoria. São Paulo: Bertrand Brasil, 1998.
- NEEDLEMAN, Jacob. O coração da Filosofia. São Paulo: Palas Athena, 1991.
- NICOLESCU, Basarab. O Manifesto da Transdisciplinaridade. São Paulo: Triom, 1999.
- SÓCRATES. Coleção Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- WEIL, Pierre et alii. Rumo à nova transdisciplinaridade. Sistemas abertos de conhecimento. São Paulo: Summus, 1993.
- GRISCOM, Chris. A fusão do feminino. São Paulo: Siciliano, 1991.